

ARTE PELA ARTE

A professora Monica Galcerán honrou-me com uma referência numa entrevista concedida à revista *Primera Plana*. Seu depoimento versava sobre arte brasileira e registrava o que no seu parecer seriam as correntes mais importantes da crítica de arte contemporânea no Brasil. Meu nome, liderando uma corrente, vinha vinculado ao conceito de arte pela arte, e sobre isto quero manifestar-me aqui. Para mim, arte pela arte é um conceito completamente superado. Não acredito em arte pela arte. As grandes revoluções estéticas, como a de Kandinski ou Mondrian, poderiam ser encaradas como ações de arte pela arte? Apesar das implicações sociais, pois estas experiências aportavam um evidente signo de mudança, se atinham exclusivamente aos problemas técnicos e expressivos da criação. O que eu recuso é arte como guerrilha política, porque a intenção (política, religiosa, etc.) corrompe a pureza da invenção. O que não quer dizer que a iconografia da religião ou da política não possa ser motivo da mais alta criação artística. Sempre que o artista puser, antes do seu talento ou competência, a prioridade da intenção, a causa estará perdida, por melhores que se-

jam as intenções. Não me interessa tampouco a contracultura, embora eu creia que a nossa cultura está decadente e precisa avançar, reformular seus princípios. Mas sempre retomando raízes mais recuadas, sempre se transformando a partir do que já foi, e não quebrando o tempo inteiro. Tenho um temperamento construtivo. À sedução da arte conceitual, perecível, eu antepoño outra sedução que me diz muito mais, a da arte e tecnologia, *op-art*, *minimal* e suas variantes.

Arte e testemunho

Se o mundo fôsse perfeito a arte com certeza perderia seu sentido. O artista supre com a arte as lacunas existenciais. A arte é sempre um heróico apêndice à condição humana. Quando o mais detestável pintor acadêmico pinta, copiando a natureza sem maior imaginação, êle está tentando sobrepor à natureza seu testemunho de homem, êle está refletindo sobre a matéria existente, com um legítimo instrumento corretivo. Porque o mais subserviente acadêmico pensa sempre estar focalizando o detalhe mais expressivo do qual a natureza não tem consciência, mas êle tem.

Arte, quando válida, é participação e protesto ao mesmo tempo. Participação porque interfere diretamente no ambiente da vida humana, quando não lhe propõe uma nova versão sempre agressiva (e crítica) do ambiente; protesto porque sua participação nunca é passiva, contradiz a convenção, renega o instituído, propõe um novo rumo sempre visando à compreensão e o despertar do humanismo latente em cada criatura. Às vezes êste despertar demanda o apêlo violento; então, temos a arte agressiva e destrutiva que eu renego, mas que reconheço, muitas vezes, justa e eficiente. Acredito ainda na guerrilha espiritual, que o Oriente pratica com tanta eficiência e paciência. Tudo pode ser transformado pelo espírito e vários estágios definitivos da história da arte provaram isto. Se vivemos num tempo bárbaro, não sei por que haveremos de vestir também nossa capa de bárbaros. O amor e a paz são também capas de mártires, haja vista Cristo e Gandhi, entre outros. Uma arte que me desvie desta meta da solidariedade e da confiança na evolução linear do mundo não me interessa. Um quadrado de Albers me diz muito mais do que toda a arte *povera* do mundo.